

Alma Solitária



Valéria Sumye Milani



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Gaguejando as palavras livres,
presas no confinamento do meu
eu,
atribuo, antes de qualquer coisa,
ao estremeamento, o meu adeus.
Como um ser cuidadoso que sou,
vivo os momentos, um por um.
Usufuero recursos variados
para adaptar-me ao lugar
comum.
Descontrolo-me, por um segundo,
pela inexactidão dos meus atos,
mas sobrevivo, embevecida,
pronta para ocupar, com fulgor,
meu espaço.
Também, de outro jeito, não tem
como
e eu perco meu ritmo, o meu
compasso.

Alma solitária



Valéria Sumye Milani

Alma solitária

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pela autora: 26/01/2016

M637a Milani, Valéria Sumye

Alma solitária [recurso eletrônico] / Valéria Sumye

Milani. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2016.

1660 Kb. ; PDF.

ISBN 978-85-8326-184-1

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

“...existe alguma palavra fácil de digerir?
Hoje são intensas, multiplicando-se sem fim.
Pode o tudo representar o nada
nessa dança alegórica que incendeia a alma?
Pode o nada representar tudo
e fixar raízes na minha alma incendiada?...”

“...there is some easy word to digest?
Today they are intense, multiplying without an end.
Can everything represents nothing
on this allegoric dance that burns the core?
Can anything represent it all
and fixes roots in my already burned soul?”



SUMÁRIO

NO USO DO DESAMOR	11
O PRODUTO DO PENSAMENTO	12
GANÂNCIA (II)	13
DOZE DE JULHO (II)	14
ROSA-DOS-VENTOS (II)	15
VENTO (II)	16
POESIA PELA PAZ (II)	17
PODER QUE DESTRÓI (II)	18
OS CAMINHOS ROUBADOS DO MEU CORAÇÃO (II)	19
FORMAS DE UMA SOLIDÃO (I)	20
FORMAS DE UMA SOLIDÃO (II)	21
DA DOR	23
O MAL, DESINIBIDO	24
FIM (II)	25
SER VIVO (OU MORTO)? (II)	26
SEGUIR EM FRENTE	27
MUDAR O MEDO VOLÚVEL	28
NÁUSEA	29
ALGUMA CANÇÃO	30
BUSÍLIS DO MEU EU	31
DIGA O QUÊ	32
O RELATO DO MEU SENSO	33
SINTONIA	34
FALSO SENTIMENTO	35
TIROS INOCENTES	36
NA SOLIDÃO, UM CORTEJO	37



MOTIVO VAGO 38
LOUCOS ATOS 39
O MEDO, ASSIM 40
CAMINHANDO, RUMO AO MUNDO 41
WALKING INTO THE WORLD 42
DIVAGAR 43
WANDER 44
COISA ALGUMA 45
LOUCURA? NÃO! 46
O BICHO, IMPERFEITO, INSENSATO 47
VOLTEI DE VEZ DO MEU SONHO 48
QUE EXIGE POUCO ESFORÇO 49
THAT DEMANDS A LITTLE OFFORT 50
EMBRULHADA EM MEU DESTINO 51
WRAPPED UP IN MY OWN DESTINY 52
ALUCINAÇÕES 53
DELUSIONS 54
ENTERRADO 55
BURIED 56
AS NOTÍCIAS ANDAM RÁPIDO 57
HOW FAST CAN NEWS RUN? 58
O CASO, AO ACASO 59
THE CASE, AT RANDOM 60
PRISÃO DE PAPEL (II) 61
NUVEM NEGRA (II) 62
DESPEDIDA (II) 63
FIM (II) 64
SER VIVO (OU MORTO)? (II) 65
DOZE DE JULHO 66
DOZE DE JULHO (II) 67
O ASPECTO MAIS ÓBVIO DE TUDO 68
AMOR DE DOIS 69
MUDAR O MEDO VOLÚVEL 70

EM ROSTO, UM SIGNIFICADO	71
MINHA FLOR, FAVORITA	72
ESMAECENDO O MEU MUNDO	73
GOTA A GOTA	74
A DOSE ÚNICA DA VERDADE	75
LEMBRANÇA	76
O MEDO, COMO ATRATIVO	77
O ATO, EU, DESAJUSTADO	78
MEUS SENTIMENTOS, EU ACHO	79
O TEMPO, DESCOMPASSADO	80
DESNECESSÁRIO	81
O TEMPO, INTRANSPONÍVEL	82
O RUÍDO, CATASTRÓFICO	83
GRITARIA/ALEGRIA	84
FIZ UM CERCO EM VIDA	85
À NOITE, A SÓS	86
SEM CAUSA OU MOTIVO	87
A CONTRAPROVA DO SER SOZINHO	88
O EU, QUE ACUSO	89
O DIFERENCIAL DO TEMPO	90
NEVROSE	91
VOLTEI DE VEZ DO MEU SONHO	92
VERDADE PRÓPRIA	93
JEJUANDO DA SAUDADE	94
AÇÃO, ESTADO, QUALIDADE	95
OS DIAS, NOS DIAS	96
DECLARO/AÇÃO	97
O DIA, ROTINEIRO	98
VÃO	99
CAUSA AMARGA/PERDIDA	100
MARTÍRIO	101
DUAS EM UMA	102
DIFERENÇA	103



LIA-SE UM CANTO	104
PERDIÇÃO	105
ESTÓICO	106
DE UM JEITO QUALQUER	107
SOME WAY	108
ESTIGMA DE MIM	109
SCAR OF ME	110
COMPULSIVA	111
COMPULSIVE	112
AMARGA CULPA	113



NO USO DO DESAMOR

Meus sentidos já não são os mesmos,
usei-os todos, na mocidade.
Ainda não estou velha, mas,
parece que estou vivendo há uma eternidade.



O PRODUTO DO PENSAMENTO

Meu pensamento está ocupado,
navegando atrás da alegria,
querendo compartilhar,
com algum inusitado sentimento,
o resto do dia.

As palavras passam por meus dedos,
na forma de adjetivos belos.

Um deles está lá fora,
no suave cair das flores cor de caramelo.

Não da cor, em si,
mas no aspecto, seco.

Sim, isso pode parecer fútil,
na ironia boba do mais fútil sentimento,
mas meu desejo está nisso
e é a esse fragmento que eu me detenho.

Sou um tanto autoritária, confesso,
mas quando ninguém escuta o que eu digo,
de que adianta fazer uso das palavras, no protesto?



GANÂNCIA (II)

A beleza, a harmonia...da natureza.
O tom rítmico da cor infinita...
Destruição, do homem...da vida...
O brilho, que persiste...a cada novo dia.
O caminho, solitário...destruído.
A ruína, do lugar...problemática.
A matança, já comum...rotina.
Remorso massacrante...pelos crimes cometidos.
Diariamente, a ganância...tentação.
A batalha, ávida...sonho meu...invenção...



DOZE DE JULHO (II)

O tempo passou e eu não percebi
que sou a mesma pessoa ainda.
Cheia de medos, tentei sobreviver,
e agora, estou aqui, em débito com a vida.
Fiz ensaios da minha tímida ilusão,
na destruição lenta da locomotiva,
que segue, sem pressa, a apitar,
no labirinto acimentado dos meus dias.
Refleti muito sobre mim mesma,
e não consegui chegar a uma conclusão.
No dia a dia fui vivendo,
sem perceber que os meus sonhos eram só meus.
O tempo passou e eu não percebi
que tipo de pessoa, agora, sou eu.



ROSA-DOS-VENTOS (II)

Se o horizonte tem um fulgor assim tão belo,
se o céu de inverno, no seu cinza, é tão inconfundível,
como posso eu, algumas vezes, parecer tão imprevisível?

Nos dias em que não sou aquilo que me dispus a ser
descubro, em mim, as loucuras enclausuradas, num fuzuê.

Se o sentimento que eu vivo é confuso e inexplicável,
se o frio do branco é úmido e desagradável,
não passo de um palhaço, vivendo os meus retalhos.

Mas, também, nem sempre o tudo está errado,
num conjunto humilhante de sensações.

Tudo faz sentido, na controvérsia exata desse mundo,
como se, de um instante a outro, demonstrando o sentimento,
nada mais fosse estranho, num absurdo brado exclamativo.
E fosse, antes de mais nada, meu único mundo, explicativo.



VENTO (II)

Quando eu paro para pensar e vejo-me desligada,
faço de tudo para não pensar em mais nada.

No lamaçal das minhas ideias,
nada está bem alicerçado, nem as palavras.

Se eu quisesse inovar o meu jeito,
seria minha culpa não haver remédio
para essa minha visão conturbada dos fatos,
que me cercam, num latifúndio?

De qualquer jeito, nada na vida é fácil,
e eu sei que o meu esforço poético
é mais do que necessário, é prático.

Prático para os meus devaneios, tantos,
que só crescem, num embrulho enfeitado,
cheios de espontâneos sentimentos soltos
que não dão alívio, desalmados.



POESIA PELA PAZ (II)

Substituindo todo o meu orgulho tácito,
sobrepujando todo o meu jeito mais incômodo,
resolvo fazer, pelo universo fanático,
uma última poesia, num tom satírico.

Assim, na beleza sublimar desse caos lúgubre,
encontro a sutil semelhança, com “s” minúsculo,
entre a felicidade extrema do meu tormento único
e a perversidade deste resto tímido.

Mas é a última vez que fico assim, intrépida,
para falar desse sentimento típico,
de um mundo sem controle, carnívoro.

E, se nenhum dos meus desejos for posto em prática,
prefiro deixar de querer, no meu íntimo,
o meu próprio bem-estar, impávido.



PODER QUE DESTRÓI (II)

O mundo está ruindo,
ou sou eu que estou num vazio sem sentido?
São minhas as mãos que reviram o lixo fétido,
ou é o que eu faço que me transforma em um ser humano
patético?
É a minha língua que tece o escárnio, sem razão,
ou são meus atos, descontrolados, dirigindo pela contramão?
A minha inteligência pode criar o impossível,
ou destruir o possível necessário?
No fundo do meu coração eu sou uma criatura boa,
ou obrigo-me a pensar assim para tirar o corpo fora?



OS CAMINHOS ROUBADOS DO MEU CORAÇÃO (II)

Caminhei, exausta, na trilha imaginária da canção.
Parando, aos poucos, o ritmo bravio.
Do outro lado do tempo, do outro lado do véu.
Paralisando, até mesmo, os movimentos parcos no céu.
Com a ajuda do dia e da noite, eu fujo.
Meus pensamentos não se flagelam, sóbrios.
Descubro todo o meu instinto, ao vento,
para que algumas coisas sejam feitas sem o meu
consentimento.
Irradio, no aparelho solitário, a objeção.
Não quero pertencer a nada, estar sujeita à transformação,
captando, assim, a ingênua versificação.
A diferença está, estática, no singelo pulsar.
O aparelho solitário pulsa, contrariando o tempo vão.
Fora isso, torno-me insensível, sem preocupação.



FORMAS DE UMA SOLIDÃO (I)

Sinto uma amargura por estar perdida,
solta ao caos flagelado do meu eu.
Sozinha em uma vastidão incomensurável,
dentro de vazios que me completam por inteiro.
A dor transforma-se em culpa
e deixa-me, constantemente, sem amor.
É um delírio do que faço, uso e quero,
pois vejo tudo e nada tenho.
Sou capaz de brilhar muito,
mas por muito pouco tempo.
Estico-me sobre o chão frio e úmido
e ponho-me a bocejar com seu odor alarmante
para, talvez por uns segundos,
reavivar quaisquer emoções.
Sinto medo quando tento juntar as palavras
que dirão o que quero para mim
e, simplesmente, não consigo.
Já é absurdamente tarde para mim.
Tenho a impressão de estar acordada,
vivendo o agora.
Sonhando com o brilho do sol,
com a luz das estrelas, as ondas do mar...
Sonhando que a vida vale a pena
mas tendo de vivê-la sem poder ser irracional demais.
Há tempos fico assim,
caminhando entre as sombras de um muro invisível e sem
fim...



FORMAS DE UMA SOLIDÃO (II)

Para mim, nada mais importa.
O vento, lá fora, uiva como um animal sem dono,
alguém que perdeu o rumo, deixou os vícios, e agora geme,
ressentido.
Arrependido por não ter sonhado.
A conquista vale tanto e eu aqui, atordoada?
Sinto falta de um dia ensolarado, de alguém andando ao meu
lado,
precisando dos meus abraços.
Apresso o passo, começo a correr.
O vento está forte, outra vez.
Para mim, nada mais importa, mas, talvez, eu esteja errada
desta vez.
Quem sabe, depois da tempestade, venha a bonança?
A calma poderá, então, ser vivida.
Espero ansiosa o vento passar e o brilho do sucesso largar em
minha vida.
Ele rastreia em cada fresta meus erros tolos.
Sufoca os sentimentos, sem dar explicação.
Faz o ar perder a graça, meus defeitos aflorar, forçando a porta
de entrada do lugar.
Vasculha entre os livros palavras não ditas,
que deixaram em minha boca acusações amargas, mal-ditas.
Para mim, agora, tudo isso importa, tudo isso quer lutar.
Guerrear contra o inevitável, contra o vento que bagunça o
improvável,



e deixa-me indisposta para poder desabafar.

Falar de coisas que perturbam,
como o meu silêncio, o seu desengano, um erro qualquer.

O vento vai embora, acaba a brincadeira,
minhas vontades perdem a vontade, a graça, insatisfeitas.
A minha sorte é, depois de tudo isso, eu ainda estar inteira.



DA DOR

O corte é profundo,
então eu sangro.
Escorrego no líquido,
coagulado, obsceno.
Enfaixo o talhe,
pelo lado oposto.
A ferida arde,
e eu choro, covarde.
Depois de cicatrizado,
faço um desenho ali.
Uma flor, uma borboleta,
os olhos, cor de rubi.
O mesmo tom do sangue
eu ainda vejo, preso, em mim.
No externo, ele é verde,
e no interno, transcorre verniz.



O MAL, DESINIBIDO

Não posso dizer que a tentativa
de esquecer o meu passado,
tenha sido feita de graça.
Por pouco, não a fiz calar,
dentro da minha mente, sufocada.
O brilho do sol parece novo,
nestes dias chuvosos de primavera.
Faz-me esquecer daqueles outros dias
que se pareciam com cenas de um filme qualquer.
Quanta amargura pode estar contida
na lembrança de atos pueris?
De cada poro do corpo, o suor,
por pura maldade,
desliza, em zigue-zagues hostis.



FIM (II)

Na capacidade de revelar o meu eu,
na capacidade de apontar os meus erros,
está a força, compacta, que preciso,
para aceitar, mesmo que tarde, a minha punição.
Na capacidade de escolher o meu destino,
enfrentando os meus medos, arredios,
está a realidade, cheia de tormentos,
incapaz de lutar, de seguir em frente.
Andando pelas ruas da cidade, apressada,
eu fujo do tempo, que sufoca,
e meus pensamentos, em desuso, clamam por reformas.
Mas eu mato meus desejos mais profundos,
ultrapassando os limites, por orgulho,
vivendo sozinha, esquecida, no meu mundo.



SER VIVO (OU MORTO)? (II)

O tempo vive, no meu canto.
Numa desordem, desorganizado.
O tempo cresce, volúvel,
mas não satisfaz meus voláteis desejos.
O tempo desnuda toda a imagem,
como que capaz de uma força cruel.
O tempo, sem sentido, de passagem,
às vezes, deprime meu estado emocional.
Mas esta é uma condição do tempo,
do simples nada ao estafante extremo.
Desbanca todos os pretextos,
desfazendo, de uma só vez, os meus anseios.
Sou um ser vivo lamentando, aos poucos,
o destino prático, inexorável, do tempo.



SEGUIR EM FRENTE

Mas mesmo assim vou indo em frente,
pensando em todas as coisas que eu tenho pra viver.

Viver, na vida, alegremente,
sem ter medo, sem sofrer.

E depois, de que me importa
o que os outros vão pensar?

Por isso, vou seguindo,
nessa estrada, que alucina,
que me faz querer, ainda,
fantasiar meus sonhos,
inquietantes, e não mais parar.

Espero sim, um dia,
saciar essa vontade que me ilumina,
descansar o braço e dar espaço à mente,
e respirar fundo, enfim, a brisa.
Sim, a brisa, essa do dia-a-dia...



MUDAR O MEDO VOLÚVEL

Quantas vidas são perdidas, na ganância?

Quantos dias são precisos para instaurar a ignorância?

Quantas palavras podem ser ditas, sem que alguém as ouça?

Quantas lágrimas podem cair, antes mesmo que o poço seque?

Quanto dinheiro pode ser pago aos insurgentes da tirania?

Quantas desculpas podem ser dadas aos que vivem numa
guerra imposta?

Quanto cinismo está contido no sorriso desgastado dos
caubóis?

Quantas noites bem dormidas podem instigar o mal em nós?

Quanto poder está instituído, para que uns se sintam os donos
do mundo?

Quanto amor, há muito não circula, nas salas dos homens
corruptos?

Quanto medo é necessário para que eu me transforme,
mutável?

Quanto do meu tempo pode ser gasto, para que eu me torne
insuportável?

Quantas vezes posso repetir palavras sem tornar-me
questionável?

Quantos mundos posso idealizar antes que o verdadeiro se
torne inabitável?



NÁUSEA

Sinto-me toda em uma só.
Estirpe do que já, uma vez fui.
Sintomas ilesos ao que faço corpo.
Contato direto com o externo interno
do meu eu mais profundo.
Sabe a nuvem que chama a nossa observância?
Sinto a náusea constante da branca nuvem.
Em quanto tempo o gosto sobe e desce?
Desempilho a cor do dia,
desembestando o pó do chão.
Difícil é explicar por meio de palavras,
o que me passa na mente, ao turbilhão.
E pelos olhos.
A náusea é uma alucinação
das palavras que esqueci de descobrir
por falta de compreensão.



ALGUMA CANÇÃO

Na emoção que eu sinto,
em escrever o meu suplício,
está o meu calvário, puro,
que eu tenho de aceitar.
Mas convém, aos 'outros',
que são meros espectadores,
poderem comigo atuar.
Pois, olha, é difícil sofrer sozinha,
e sofrer todos esses ais
que ninguém percebe que tem,
pois conseguem impermeabilizar.
Se eu pudesse consertar o medo
de estar fazendo alguma bobagem,
eu faria, sem receio,
sem delongas e nenhum blá-blá-blá...



BUSÍLIS DO MEU EU

Num canto do meu espaço,
eu crio e recrio imagens,
destruo o lado negro do escuro,
pintando tudo de azul-celeste.
Tento ficar alegre, otimista,
e tudo mais a que tenho direito.
Mas só o que consigo é ver este lado da vida,
que reveste as paredes e o teto.
No vai-e-vem da porta de madeira,
o meu medo entra bem rápido,
como num assombro alucinante,
que só passa quando me arrumo, ao espelho.
Mas, o que seria de mim,
se não pudesse contar os meus segredos?



DIGA O QUÊ

Soletro uma palavra, quero escrever.
No momento adoidado da hora,
da promessa, da dúvida, meu dever.
O que fazer para não virar uma combatente
desse fulgurante prazer?
Soletro alguma palavra,
a mais curta que puder.
Talvez não só uma,
mas várias, por vez.
Como distinguir certas emoções, tolas,
que deixam sem reação?
Que criam dúvidas enormes
e desaparecem, inebriantes,
sem dar explicação?
Repito as frases curtas conhecidas,
já tão extensas em meu cotidiano senil.
Quero coisificar o meu lado mais humano
tornando-me, das palavras, um adorno.
Batendo e esmurrando nas paredes,
entrego-me às lágrimas, contidas,
e espero, pacientemente, o sono incômodo.
Mas aí vem a pergunta, destrambelhada:
“O que isso tudo tem a ver comigo?”



O RELATO DO MEU SENSO

Volta e meia sinto isso,
e não há nada que eu possa fazer.
Apenas calo-me e simpatizo
com essa dureza do meu ser.
A tristeza vem e vai embora,
deixando um enorme pesar.
Ela muda todos os meus sentidos,
e chega, até, a sufocar.
Fora essas coisas eu sou sonhadora
e também quero amar.
A palavra, está a chacoalhar,
enquanto eu sigo a melodia
que está no peito,
e faz-me respirar.



SINTONIA

Fico, às vezes, fora de foco,
sintonizada em meus argumentos.
Vivencio o monólogo empoeirado
sem saber do que se trata.
Penso, às vezes, em sair da realidade,
transformar-me, libertar-me.
Descubro, então, meu outro mundo,
também empoeirado, mas pelo desuso.
Tento, é claro, por mais difícil que seja,
arranjar desculpas esfarrapadas.
Quando o lado negro assusta,
tento fingir um sorriso, despreocupada.
Mas, quase sempre,
ele toma o controle de tudo, afoito,
e expõe-me aos outros, machucada.



FALSO SENTIMENTO

O meu autocontrole, de vez em quando, questiona,
e aí, eu choro sem parar.
Chego até, por medo da culpa, a soluçar.
E depois, tudo passa,
e eu não lembro como era tê-lo perdido.
Eu canto, eu danço, esqueço das horas.
O tempo sempre atormenta, mas eu fico feliz.
O autocontrole.
O controle de mim mesma.
Quanto mais eu busco a sanidade,
mais o tempo condena.
Mas não me surpreende o tormento.
Não que eu esteja alheia a tudo isso,
mas ele virou um mero passatempo,
disposto como as horas no relógio do meu pulso,
quebrado, sem conserto.



TIROS INOCENTES

Sempre que algo acontece,
os tiros pegam em mim.
Entram direto em meu peito
e lá passeiam, por horas sem fim,
fazendo um estrago assombroso
na minha mente entorpecida,
que vê campos dourados.
As ondas feitas pelo vento
dão ao campo um aspecto de cetim.
Do alto, ele é limpo, fofo,
no chão, a grama faz cócegas em mim.
O tempo, lá de cima, acena,
esperando por um erro meu.
Digo adeus e volto à realidade,
para catar os pedaços do meu eu.



NA SOLIDÃO, UM CORTEJO

De um momento a outro, sou eu mesma.
E, mesmo assim, sempre há partes do meu ser
que não querem fazer parte de mim.

Às vezes, sou posta de lado e
esse coração bobo sofre, sem porquê.

Sinto uma lágrima, que quer rolar,
e minha garganta embola um querer.

Sinto medo a cada dia,
de não saber usar a vaidade, esguia.

Não é fácil ser alguém, em partes,
tentando desviar-se das próprias armadilhas.



MOTIVO VAGO

Se o sorriso pode ser breve,
mas a lágrima talvez machuque,
não há nada de tão mais grave
na inquietude do meu pensar.

No desuso do meu momento, prévio,
no atachamento do meu sossego, breve,
eu quero a ajuda útil, solene,
que não negue o máximo de energia vital.

Sejamos francos comigo mesma,
sejamos claros na fina estampa,
para poder bajular o tempo
e não definhar na vida, na desesperança.



LOUCOS ATOS

Revisada pelos sentimentos,
jogo-me ao inexplicável.
De onde vem esta força, este medo,
que se apoderam de mim, vulnerável?
Faço coisas de que me arrependo, em suma.
Penso palavras sem significado.
Digo outras absurdas para mim mesma,
e estas vem de dentro, em fragmentos.
Fui revisada por sentimentos frios,
guardados em algum lugar bem distante.
Se é certo o que dizem dos andarilhos,
também meu coração é minha mente.
Desencalho os movimentos soltos e inúteis
para não parecer como um desses seres, fáceis...



O MEDO, ASSIM

Quando estou perdida e não tento me encontrar,
quando o meu eu está partido e mudando de lugar,
tento chamar por um sorriso,
escondido lá no fundo de mim,
para ver se afasto as sombras
dos fantasmas que me perseguem, sem fim.
Mas acontece que não consigo
libertar-me dessa desilusão.
As feridas não cicatrizam
e eu desabo na solidão.
Nesse frio que entra no quarto
e gela o meu pé, que está para fora da cama,
a insônia brinca de faz-de-conta
e os ruídos são meus, brincalhona.
Meus olhos ardem no escuro
e o coração bate acelerado.
Quando tento e não consigo
destravar essa melancolia,
só o que resta são os dias de imensidão,
que tomam conta da minha euforia.



CAMINHANDO, RUMO AO MUNDO

Sigo em frente no meu rumo,
desafiando as leis físicas do caminho.
Removendo pedras, tocando sinos,
tudo ao mesmo tempo, que é mutável.
Vejo luzes à frente, no vilarejo.
Coloridas, brilhantes,
pouco a pouco, estremeço.
Dou meia volta, quero partir.
Mas algo em mim sufoca e eu fico ali.
Embaraçada, despida como uma árvore seca,
que quer esconder-se das outras, que são freixosas.
Quero prosseguir, continuar vivendo.
Não quero deixar que a falta de siso
desmorone de vez meus devaneios.
E, de repente, do nada,
uma força desigual puxa-me, indolente...
Faz-me perder a cor, espavorir-me.
Meu caminho, cheio de negação,
deixou rupturas, no chão.
De cima a baixo,
de um lado a outro,
como que querendo engolir-me.
Vagando, vou desviando-me das rachaduras
feitas por mim mesma, com o pensar.
Traço planos, inquieta,
sem conseguir sair do lugar.



WALKING INTO THE WORLD

I move on in my way,
challenging the physic laws of it.
Removing stones, ringing bells,
everything at the same time, that is changeable.
I see lights ahead, in the small town.
Colorfulness, bright,
little by little, I shake.
I walk back, want to leave.
But something in me choke and I stay there.
Embarrassed, naked like a drying tree,
that wants to hide from the others, that are ashen.
I want to move on, keep on living.
I don't want to let my lack of prudence
put down, for once, my illusions.
And, suddenly, from nowhere,
an unequal power pulls me, negligent...
Makes me loose my breath, scared myself.
My way, full of denying,
has left a breach, on the floor.
From the top down,
from one side to other,
like wanting to swallow me.
Wandering, I turn aside from the cracks
made by myself, with my mind.
I make plans, disturb,
without be able to move out of place.



DIVAGAR

Sou um bicho, eu grito,
eu lido com ruídos captados pelo ouvido.
Faço agradados, mas odeio o que resta das festas.
Escondendo-me nos trajes imundos de outros bichos.

Sou o que resta do mundo
e o único que faz dos restos, o resto único.
Sou o que chamam de abismo, precipício.

Eu cresço com as plantas do solo,
junto às paredes de um muro,
dando frutos comestíveis.

Desfaço a cada pôr-do-sol,
e, à noite, apenas vago, inutilmente.

Reavivo com o pingo do orvalho,
mas não me queixo por estar todo enlameado.

Sou um bicho, ser vivo,
eu lido com sentimentos indefinidos.

O ser bicho alcança tudo,
até aquilo que não pode ver.

Sofre, cria, planeja, refina,
sábio, ainda procura obedecer.

Toca a vida, vai levando,
sempre com medo de envelhecer.



WANDER

I am an animal, I scream,
I deal with sounds captured by ears.
Make a good impression, but I hate the party leftovers
Hide myself into the dirty clothes of other animals.
I am what is left of the world
and the one who makes the rest, the only one.
I am what they call abyss, precipice.
I grow with the plants on the ground,
by the brick wall,
giving edible fruits.
I past away at each sunset,
and, at night, I just wander, useless.
I come back to life with the dew drop,
but I don't complain for being all dirty.
I am an animal, living being,
I deal with undefined feelings.
The animal being achieves everything,
even that it cannot see.
Suffers, creates, plans, refines,
wise still seeks to obey.
Move on, getting along,
always with the fear of being gray



COISA ALGUMA

Tem qualquer importância o que eu penso?
Sou apenas mais um ponto nesse mundo,
não representando coisa alguma, no gênero humano.
O meu novo, já virou coisa do passado,
como o século XX, secundário.
O novo de todo o mundo é o presente,
é o XXI, um século imaginário.
Quero poder ver, em outros olhos,
os meus pensamentos, alados.
Também sei poder ouvir,
não somente aos outros,
mas, principalmente, aos meus desabafos.
Não quero ter o impossível,
mesmo que ele seja questionável.
Sou exigente, mas quem liga?
Quem vai largar tudo,
e curar as minhas feridas?



LOUCURA? NÃO!

Isto tudo parece uma bomba
e eu estou prestes a explodir.
Achei que era pra sempre
e, agora, nem sei o que esperar de mim.
Torço para que tudo se tranquilize,
pois cansei de jogar e perder.
É sempre a mesma desculpa,
o mesmo pranto, o mesmo delírio sem fim.
“O que fazer quando tudo dá errado?”
Achei que me partiria em mil pedaços.
Um dia, prometi não pensar mais no mundo, lá fora.
Mas, o que fazer com essa minha dependência?
O que dizer para que tudo se acalme
e eu melhore o meu humor, a minha impaciência?
Mudei tanto, em tão pouco tempo...
Será que me transformei em algo?
Se me engano repetidas vezes,
suspeito que a loucura está por perto.
Deixo, então, de existir,
manipulando e massacrando o meu ego.
Quantas vezes podemos cometer os mesmos erros?
Quantas vezes podemos achar a culpa,
sem que, no momento, sejamos culpados?
Até que ponto somos capazes de aguentar,
para realizar o sonho dos outros, depauperável?



O BICHO, IMPERFEITO, INSENSATO

A insuperável questão do respeito mútuo, indaga...
As ruínas, que desabam, seguem, por dentro, penduradas...

Quero justificar o ato, entendê-lo ao fazê-lo.

Quantos, tantos, muitos e outros, também erramos,
quando não fomos os descobridores das rupturas
do “eu” verdadeiro e, ao ódio, jogamo-nos, sedentos.

Somos o que somos, aparentemente sem defeitos,
pela “qualidade” que temos de invejar tudo o que vemos,
mesmo que sejam nossos os feitos descobertos.

Fomos até o fim e não vencemos.

Ao menos, o suspiro declamado deixou-nos mais aliviados,
depois que a derrota deu-se por completa,
depois que nossas ações foram manipuladas
e, com elas, as boas maneiras do acaso perfeito.

Lutaremos novamente e eu provarei o que não está errado?

A derrota não é nada, desumana.

A vitória, gloriosa, é declarada por meio das festas?

Somos mais do que simples servos,
eu sou a criada de uma forma diferente de apelo.

Somos muito mais fortes do que queríamos,
e eu imagino-me como a tal.

Hoje, o orgulho nos farta de alegria
e a ansiedade faz-me suspeitar, fantasia.

Eu, retorcida, como um fio fino e comprido.

A aparência pediu exílio, desonrada.

Mas, na noite escura, bronzeada,
ela não é vista, nem notada.



VOLTEI DE VEZ DO MEU SONHO

Há um canto que eu canto com meus prantos,
que parecem ecos de um grito estrondoso.

Para ouvi-lo, ponho meu silêncio a bordo
e parto calada rumo a um sonho sem dono.

Surpreendo meu ego com notas bem altas
e entremeio mil vezes, por entre ruas desertas.

Qual o fino sussurrar de um bandido louco,
que rouba emoções e vende-as por bem pouco.

Pouco para muitos, sisudos, nefastos,
que escutam meu canto ressoar nos seus tetos
e perder o brilho, lavado por meu pranto.

Também há outro canto, que mantenho em cativoiro,
infundido em meu ego macilento.

Às escondidas, habituo-me a tê-lo,
sem precisar, com ninguém, dividi-lo.

Transformo o canto em grito
e ele ecoa aqui dentro,
fazendo sofrer meus pensamentos.

Sonho sempre o mesmo sonho,
um sonho que não tem fim.

Quando acordo, na vida real,
aparentemente ele funde-se em mim.



QUE EXIGE POUCO ESFORÇO

A manhã ensolarada e verdejante
transformou-se em nublada e úmida.
O sol virou as costas para a terra
e nela fez cair, incessantemente, a chuva.
Venta muito no meu mundo e este cheiro incomoda.
Um cheiro que o vento traz de longe
e faz lembrar a sensação de coisa parada no horizonte.
Este dia está caótico, sem cor, sem vida
e a mancha na parede parece ser purpurina.
Só o que me alivia são os sons deste silêncio.
Que batem ritmadamente, dentro do compasso
e, quanto mais eu penso neles,
mais insólito torna-se o meu cansaço.
A manhã transformou-se em um pote alagado,
onde todos os tempos percorrem, alterados.
Viro o vaso da planta que cresce para todos os lados,
como a perseguir-me, com cuidado.
Mas, ela segue a luz divina
ou a luz da lâmpada que eu acendo todos os dias?



THAT DEMANDS A LITTLE OFFORT

The greening and sunny morning
become cloudy and slightly wet.
The sun turns his back upon the land
and made it drop, constantly, the rain.
The wind is always present in my world
and the fragrance that he brings disturbs me all along.
A smell that he carries from far away
and makes me remember the feeling of something hold still.
The day is in a chaos, colorless, lifeless
and the stain in the wall looks like glitter.
I only get relief from the sounds of this silence
that beat rhythmical, on time
and, as more as I think about them,
more remarkable becomes my exhaustion.
The morning transforms itself into a swampy pot,
where the time runs, changed.
I turn the flower vase that grows to everywhere,
as to pursuit me, carefully.
But, what does she follow?
The light that I turn on every day
or the divine light
that never fades away?



EMBRULHADA EM MEU DESTINO

No armário do meu quarto escondi os meus tormentos.
Ninguém sabe onde encontrá-los,
nem eu mesma, já faz tempo.
Quando quero, abro suas portas de cor marfim.
Lá- no fundo, também encontro pedaços soltos de mim.
Não sinto raiva nem fúria, desilusão ou temor.
Sinto falta dos dias em que sonhava com coisas sem sentido,
não sentindo essa dor.
Somente por orgulho vou vivendo,
escondendo-me por entre fios de cabelo.
Esta chuva que não passa,
alaga e destrói meus pensamentos
e o sol não aparece para secar meu desespero.
Sou o que sou e não mudo por ninguém.
Mas, se pedirem com calma,
posso virar o jogo de vez.
Mudar o jogo, jogar a vida,
saber quando parar o recomeçar contínuo.
Não ser uma ilusão, de alma vadia,
mas poder sentir a vida, como todo mundo.



WRAPPED UP IN MY OWN DESTINY

In my room's closet I hide my afflictions.
No one knows where to find them,
not even me, it's been a while.
When I want, I open its doors, of ivory color.
I don't feel rage or fury, disillusion or fear.
I miss the days where I dreamt with nonsense things,
not feeling this pain.
Just for pride I go on living,
hiding between my hair strings.
This rain that doesn't go away,
soak and destroy my thoughts
and the sun don't appear to dry my despair.
I am what I am and don't change for anyone.
But, if they ask me calmly,
I can turn the game around...
Change the game, play with life.
Know when to stop the continuous restart.
Don't be an illusion, of idle soul.
But be able to feel the life, like everybody else.



ALUCINAÇÕES

Não consigo dormir.
Rolo na cama numa noite abafada.
Sinto um vento percorrer o quarto,
mas as janelas estão fechadas.
O calor sufocante aperta meu peito.
São as horas, intactas, que não passam adiante.
Fecho meus olhos e tento, a todo custo, dormir.
A luz apagada, sem refletir.
Nos sonhos, vejo cores diversas, reflexos de mim.
Acordo assustada, num quarto escuro,
que parece não ter fim.
Procuro acalmar-me, recompor-me.
Descubro que sou apenas eu, sozinha,
num quarto abafado, tentando dormir.
Dormir para quê, na cama vazia,
se acordo cansada, todos os dias?
Fechar os olhos começar a sonhar.
Brigar com as cobertas, sem poder acordar.
À noite, a insônia instala-se, devido ao calor.
De manhãzinha, o corpo estremece, arrepiando o suor.



DELUSIONS

I can't sleep.
I roll over in bed in a sweltry night.
I feel a calm wind run through the room,
but the windows are closed.
The suffocating heat compresses my chest.
It's the hours, untouched, that don't want to go by.
I close my eyes and try, the hardest that I can, to sleep.
The light is off, without reflect.
In dreams, I see different colors, reflections of me.
Wake up frightened, in a dark room,
that doesn't seem to have an end.
I try to calm myself up, put myself together.
Found out that it's just me, all alone,
in a muffled room, trying to sleep.
Sleep for what, in the empty bed,
to wake up tired, every single day?
Close my eyes and start to dream.
Fight with the blankets, without awakening.
At night, the insomnia settles down, by the heat.
In the early morning, my body shakes, ruffling the sweat.



ENTERRADO

Um retângulo, parado em minha mente.
Reto, sepultado, sem paredes.
Cada ponto dos seus riscos,
risca a linha do invisível.
Falei baixo no espaço recortado.
Cada traço acompanhado de passado.
Quatro, na verdade, transformados,
num só laço a sete palmos do terraço.
Dividi o retângulo em dois e fiz quadrados.
Tracei a linha que caiu pelo penhasco,
vociferando nas entradas inexistentes de cada buraco,
tomando quadrado ao quadrado.
Disso tudo, nada resta a ser lembrado.
Nada resta para ser contado?
Devaneios persistem engodados.
A imaginação, amiga, viaja longe.
Longe de mim, no calmo horizonte.
Horizonte que segue reto, sem acabar.
Acabar com a indignação, mal-estar.
Estar de bem com a vida e sonhar?



BURIED

A rectangle, hold still in my mind.
Straight, buried, without side walls.
Each dot of your risks,
risk the invisible line.

I whisper on the cut out space.
Each trace followed by the past.

Four, indeed, transformed,
in a single loop buried in the terrace.

Split the rectangle in two and gain squares.

I have traced the fallen line that goes down the crag,
speaking loud on the inexistence entries of each hole,
taken square at square.

Of all this, there's nothing left to remember.

There's nothing left to say?

Fantasies go attracted on and on.

The imagination, friendly, travels so far away.
away from me, in the calm horizon.

Horizon follows straight, without ending up.

To end with the disillusiones,
being ok with my life and being able to dream.



AS NOTÍCIAS ANDAM RÁPIDO

Daqui para frente, tudo vai mudar?
Não sei o que fazer além de não fazer nada.
Pouco a pouco, meus músculos atrofiam
e eu fico parada, numa longa pausa.
Não mexer um dedo, nem piscar, quase sem respirar.
Daqui para frente, tudo vai mudar?
Quero ter o que já foi feito,
sem precisar modificar o que tenho.
Não sei mais se sei andar para frente...
Apenas ando para trás,
sem sequer um regozijo.
Mas vou ao encontro de algum entendimento e,
de mim,
é isso o que espero.
O que eu sinto?
Não posso tentar adivinhar?
Eu sinto os apuros de tal insanidade
que, sorridente,
fere e sangra todo o meu ser,
como quando as plantas pedem água
e eu, simplesmente, vejo-as morrer.
Alguém vai dizer que tudo está exatamente igual.
Mas, se as notícias não andassem tão depressa,
talvez eu pudesse mudar o meu final.
Persigo os sentimentos negros, soltos...
Abuso dos meus desejos, loucos...
Reprimo um lado tão insano, torto...
Para poder ficar à sombra do meu eu, de novo...



HOW FAST CAN NEWS RUN?

From now on, everything will change?
I don't know what to do, beside of anything.
Little by little, my muscles decline
and I stay still, in a long pause.
Don't move a finger, not even blink, almost without breathe.
From now on, everything will change?
I want to have what already has been done,
without change what I have.
I don't know if I can go ahead...
I just walk back,
without even, a glee.
But I try to reach some understanding and,
from me,
this is what I hope.
What do I feel?
Can't I try to guess?
I feel the troubles of this insanity
that, smiling,
hurts and bleeds me completely,
like when the plants are thirsty
and I just watch them die.
Someone will say that everything is exactly the same.
But, if the news didn't spread so fast,
maybe I could change this very end.
I pursue the black feelings, loose...
I abuse of my desires, fools...
I suppress one side so insane, bent...
In order to stay in the shade of myself, again...



O CASO, AO ACASO

Além disso tudo,
fiz muitas outras coisas por mim.
Correndo ao encontro do futuro inevitável,
estirpei a verdade cravada lá no fim.
As palavras nem são mais curtas,
são simples, não iguais.
São apenas expressões que somente eu entendo
e, é claro, os outros seres inteligentes
que vivem dentro de mim.
Descobri o meu tesouro
quando finalmente encontrei-me.
Estava tão perdida e sem sonhos
que nada tinha importância, enfim.
Quando todos tentam entender-me,
o que eu quero é um enigma ser.
Na simplicidade das coisas que eu sei,
minhas vontades não malham o dia inteiro.
Somente quando ponho as idéias no papel
ou descanso, afinal, minha cabeça no travesseiro...



THE CASE, AT RANDOM

Beside all this,
I've done a lot of other things for myself.
Running through the inevitable future,
I take out the truth that was craved down at the end.
The words aren't even shorts anymore,
are simple, not the same.
They're just expressions that I'm the only one to understand
and, of course, the other intelligent been
who live inside of me.
I discovered my treasure
when I finally met myself.
I was so lost and dreamless
that nothing else matter, anyway.
On the simplicity of the things that I know,
my wishes don't work out all day long.
Just when I put my ideas on the paper
or rest my head on pillow case, after all...



PRISÃO DE PAPEL (II)

Tudo isso vai passar.
Tento ser forte, para aguentar.
Cada dia que passou
é um a mais para lembrar.
Mas vou ser forte
e tentar não enlouquecer,
dentro dessa prisão de papel,
ensaando frases quaisquer.
A saída, obscura,
é igual ao meu tormento.
Meu alento, no entanto,
sou eu, escrava dos sentimentos,
que se revoltam, amotinam-se,
de tempos em tempos.
Acho que devo ser forte.
Ter coragem e enfrentá-los,
de uma só vez, ao mesmo tempo.
Quem? Meus erros, meus medos,
tudo o que me apavora.
Vou conformar-me
com o que a experiência me dá.
Afim, um dia,
tudo isso vai passar.



NUVEM NEGRA (II)

A vida, preservada,
é desperdiçada a cada novo dia.
Às vezes, o desespero passa,
mas logo volta, com a mesma euforia.
Depois de tudo, existe uma saída,
uma luz no fim do túnel, empobrecida.
Mas no meio do caminho existe a luta
e nem sempre o prêmio é o que a gente imagina.
Perdemos a noção real do tempo, nessa era.
Ou apenas tapamos o sol, que queima, com a peneira.
Nosso senso, irreflexivo, faz revolução,
joga bens preciosos fora, sem pensar na união.
E, às vezes, com um toque de mágica,
pensa em tudo, em todos, como um simples irmão.



DESPEDIDA (II)

Deixei meus pensamentos arquivados,
no gasto das horas, apagados.
Na procura incansável por sentimentos,
dei-me por satisfeita ao descobrir um peito, desregulado.
Qualquer dia desses,
no emaranhado do tempo,
vou deixar que todos provem
um pouco do meu veneno.
Vou continuar no meu caminho,
vivendo os meus sonhos, descomedidos,
sem importar-me com ninguém,
completa com meu próprio brio.



FIM (II)

Na capacidade de revelar o meu eu,
na capacidade de apontar os meus erros,
está a força, compacta, que preciso,
para aceitar, mesmo que tarde, a minha punição.

Na capacidade de escolher o meu destino,
enfrentando os meus medos, arredios,
está a realidade, cheia de tormentos,
incapaz de lutar, de seguir em frente.

Andando pelas ruas da cidade, apressada,
eu fujo do tempo, que sufoca,
e meus pensamentos, em desuso, clamam por reformas.

Mas eu mato meus desejos mais profundos,
ultrapassando os limites, por orgulho,
vivendo sozinha, esquecida, no meu mundo.



SER VIVO (OU MORTO)? (II)

O tempo vive, no meu canto.
Numa desordem, desorganizado.
O tempo cresce, volúvel,
Mas não satisfaz meus voláteis desejos.
O tempo desnuda toda a imagem,
Como que capaz de uma força cruel.
O tempo, sem sentido, de passagem,
às vezes, deprime meu estado emocional.
Mas esta é uma condição do tempo,
do simples nada ao estafante extremo.
Desbanca todos os pretextos,
desfazendo, de uma só vez, os meus anseios.
Sou um ser vivo lamentando, aos poucos,
o destino prático, inexorável, do tempo.



DOZE DE JULHO

Vamos tentar sobreviver...
Sobreviver a todos estes ensaios...
Ensaios que o homem faz de sua própria destruição...
Destruição que reflete o quanto nossa sabedoria,
o quanto a nossa tecnologia,
entope de melancólico sofrimento o nosso dia-a-dia...
Dia-a-dia...
Sonhar todo dia...
Ser capaz...
Poder...
Ser feliz...
Alegria...



DOZE DE JULHO (II)

O tempo passou e eu não percebi
que sou a mesma pessoa ainda.
Cheia de medos, tentei sobreviver,
e agora, estou aqui, em débito com a vida.
Fiz ensaios da minha tímida ilusão,
na destruição lenta da locomotiva,
que segue, sem pressa, a apitar,
no labirinto acimentado dos meus dias.
Refleti muito sobre mim mesma
e não consegui chegar a uma conclusão.
No dia-a-dia fui vivendo,
sem perceber que os meus sonhos eram só meus.





O ASPECTO MAIS ÓBVIO DE TUDO

Espero, na certeza da não-conquista.

A não-caminhada da trilha.

Sigo em meu labirinto,

com as paráfrases do meu instinto.

Como em cantatas trovadorescas,

perdi-me dentro de mim mesma,

num baú frio e úmido,

inconsciente da minha consciência,

exposta ao público, a tudo.

E, no entanto, sou espectadora, apenas.

A culpa, assídua, não depende de mim.

Muito menos o caos desumano da vida.

AMOR DE DOIS

Se não me bastasse o tudo
se não me faltasse o nada
se eu não quisesse ser
muito menos compartilhar...

Teria o quê, em mãos?

A sobra, o resto,
que temperaria a desilusão.

São necessários muitos,
centenas, milhares,
de sentimentos vazios
dentro do meu peito
a esvaírem-se, desmantelarem-se,
para unirem-se, com precisão,
num dia qualquer,
em uma hora amiga.

Se não me bastasse, além disso,
a chance de simplesmente escolher,
seria não mais que uma mera flor,
escondida no mundo, incapaz de florescer.



MUDAR O MEDO VOLÚVEL

Quantas vidas são perdidas, na ganância?

Quantos dias são precisos para instaurar a ignorância?

Quantas palavras podem ser ditas, sem que alguém as ouça?

Quantas lágrimas podem cair, antes mesmo que o poço seque?

Quanto dinheiro pode ser pago aos insurgentes da tirania?

Quantas desculpas podem ser dadas aos que vivem numa
guerra imposta?

Quanto cinismo está contido no sorriso desgastado dos
caubóis?

Quantas noites mal dormidas podem instigar o mal em nós?

Quanto poder está instituído, para que uns se sintam os donos
do mundo?

Quanto amor há muito não circula, nas salas dos homens
corruptos?

Quanto medo é necessário para que eu me transforme,
mutável?

Quanto do meu tempo pode ser gasto, para que eu me torne
insuportável?

Quantas vezes posso repetir palavras sem tornar-me
questionável?

Quantos mundos posso idealizar antes que o verdadeiro se
torne inabitável?



EM ROSTO, UM SIGNIFICADO

O tempo passa, indecifrável.
Deixa um buraco em meu peito, injustificável.
Inicia uma guerra, incontrolável.
Não perdoa meu erro, intolerável.
Implanto, assim, no cotidiano insolúvel,
algum tormento, lastimável.
Nada sério, doentio, algo fácil.
O que magoa é o próprio tempo, inalterável,
que fica lá, zombando de mim, vulnerável.
A despeito da mensagem, incomunicável,
permaneço com meu medo, admissível.
Suplicando e chorando o perdão, majestático.



MINHA FLOR, FAVORITA

Da soleira, espremida, desprezada, abatida,
está a flor que plantei, favorita.
Nos dias de chuva, esqueço-a,
mas não faz mal, ela nem liga.
Nos dias de sol, de seca, com o vento, que batia,
ela olhava-me, desprotegida.
No desprazer da minha tristeza, ela, sempre esguia,
comportava-se como uma dama, divina.
Agora, ajuntadas, estão outras,
mais amigas,
festejam em bando, esperando de mãos dadas,
a minha constante adulação, companhia.
Mas, na verdade, somos apenas solitárias,
nos rumos do dia, esperando o esperado.
Ou esperando, quem sabe, a inesperada despedida...



ESMAECENDO O MEU MUNDO

Já é noite, agora,
e eu não quero sair.
Não quero encontrar o frio, lá fora,
só queria poder dormir.
Já é dia, no meu mundo,
mesmo ainda sendo tudo escuro.
Mas tasteio as paredes do silêncio
sussurrando com o vento, contra o muro.
Se não é noite e não é dia,
quer dizer que eu estou perdida,
entre a lua e o sol do meio-dia?



GOTA A GOTA

Meu coração afundou-se.
Sentiu-se incomodado,
no abismo carrasco da vida.

Daquela, sofrida,
da minha ideologia.

Dou ré na contramão
da avenida principal e sem cortina.

Meu coração, tuberculoso,
não disse nem um ai.

Nem um suspiro,
nem nada mais.

Caiu no desespero.

Desses, que se encontram nos dias banais.



A DOSE ÚNICA DA VERDADE

Sinto, no miasma que cerca as minhas ideias,
que não consigo jogar fora,
mesmo o mais abominável sentimento,
sem sentir um quê de remorso,
sem doer, mesmo que quase nada,
cada aresta dos meus desejos.
As árvores balançam seus cachos,
prendem meu olhar em cada movimento.
São como um extinto porto seguro,
cheias de ilusões e encantamentos.
O amanhã, que chega sempre com sofrimento,
faz meu coração chorar,
como a chuva constante, lá fora,
esmagadora de todos os ais.
Dar ênfase às doces brisas matinais
e, de que adianta?
Elas não tem hora para chegar...



LEMBRANÇA

Acordei hoje, bem cedo,
sentindo algo que se confundia com desejo.
Confesso que estou mais pálida que ontem,
mas nada que cause, em mim, medo.

O que espanta é esse sentimento,
calado por dentro, bem aqui.

Somente eu falo, e ele,
por segundos incessantes, ri de mim.

Acordei hoje, lembrando,
é claro, não esse desejo, insuportável.

Mas sentindo as lembranças,
cordiais, de um recomeço?

Não, isso não faz sentido,
assim como a minha pele branca no espelho, refletindo.



O MEDO, COMO ATRATIVO

Como algo sem sentido, indiferente,
adormeço em meu ninho, chorando baixo.

Acaricio meus sonhos, cantando
melodias suaves que se vão indo...

Que medo dos dias cheios de vazios...

Sorte eu ter companhia, imagino.

Gosto de ver pela janela

os pássaros, lá fora, voando,

num ensolarado dia de domingo.

Esqueço o medo por um instante, sorrindo

e imagino por que faço isso comigo...

Os pássaros gorjeiam e batem-se

nos vidros das janelas, assustando,

os meus pensamentos, que vão embora,

pelo buraco deixado, por eles,

na parede do meu peito.



ATO, EU, DESAJUSTADO

Não é para isso que estou aqui,
nem mesmo sei se vou fugir...
Estou há tanto tempo parada
que, talvez, eu não faça mais nada.
Nem um verso, nem uma linha, só palavras.
Algumas delas ao léu, sem sentido.
Tudo está estranho, isso eu sinto
e, quanto ao que escrevo, tudo é vazio.
Como, então, comparar o tempo atual
com aquele que já passou?
Nem mais os medos são os mesmos,
nem mais os sonhos são iguais?
Vagando pelas ruas vejo sombras perdidas de mim,
dançando no vai e vem das esquinas.
São donas dos meus pensamentos,
controlam minhas rimas.
Sou prisioneira desse teatro,
desse espetáculo que vivo dentro de mim.
Sei que não posso mudá-lo,
mas alguns retoques eu dou mesmo assim.



MEUS SENTIMENTOS, EU ACHO

O que eu vejo não são meus olhos,
são uma espécie qualquer de camafeu.
O que eu sinto não são minhas mãos,
o que eu tenho já não é mais meu.
Faço esta revolução por mim mesma,
sem a ajuda de ninguém.
Viajo sozinha pelo infinito,
e sou, das minhas ilusões, refém.
Os contornos que estou vendo
são de ruas escondidas no caminho.
Elas são rudes, incolores,
parecidas um pouco com o meu desatino.
E tudo, na verdade, é falso, irreal.
Tudo tem um quê de desleixado, indomável.
As pessoas, os lugares,
ocupam um lugar enorme em minha mente.
Os sentidos fazem isso, indubitavelmente,
quando queixo-me, compassivamente.



O TEMPO, DESCOMPASSADO

Mas, e agora, que o tempo se foi?
E agora, que tudo acabou?
Falo com as paredes escuras do meu íntimo,
sozinha com minhas vírgulas,
que são cheias de orgulho vão.
Uso-as em toda parte,
já que o tempo, para mim, morreu.
Não vejo qualquer sentido
na quimera errante que sou eu.
Sentada aqui, parada,
raciocinando coisa qualquer,
tentando descobrir a senha
para trazer de volta a essência do meu ser.
Um, dois, três e alguma letra,
talvez um número a mais.
É tão difícil quando o tempo vai embora,
e você sabe que ele não volta atrás...



DESNECESSÁRIO

O que acontece que somente eu não sei?
Sinto-me desnorteada, abandonada,
e há apenas um ser que me convém.

E o ser não exige, até reclama,
mas não me pune, só ama.

Deleito-me em seu vigor,
pois seu jeito único de viver
faz-me, afinal, melhor.

Não sei o que seria de mim
se as horas não fossem rápidas assim.
Sei que, às vezes, contradigo as coisas,
mas quem tem certeza de tudo, enfim?



O TEMPO, INTRANSPONÍVEL

Quinze para uma.
O relógio mente as horas do dia.
Faz tic-tac, num descompassado tempo de fantasias.
Minhas maiores intrigas,
vividias ao redor de uma busca infinita.
Minhas maiores loucuras,
despertas nos mais frios dos dias.
Frios por dentro e por fora,
ao redor, em cada canto,
e também embaixo e em cima.
Duas e vinte, nada ainda,
só mentiras e mais mentiras.
Quem grita, se ainda não é dia?
O sumiço do cansaço,
leva o tic-tac ao atraso.
Quando o tempo conserta a vida,
nada parece surgir do acaso...



O RUÍDO, CATASTRÓFICO

O que faço com as palavras dentro de mim?
Ah, tortura, elas estão presas aqui!
Quero jogá-las fora, para bem longe, além do jardim.
Elas atormentam tanto,
fazem cócegas, dentro do meu cérebro, hostis.
Fazem-me perder a noção do tempo,
da vida, de tudo, enfim.
Quero tê-las, quando precisar,
mas sem ter que seu peso sentir.
É possível falar sem sentimento, pensar sem sofrer?
É preciso mais que fingimento,
sem maldade, sem preconceito,
para prendê-las lá no meu fim.
Preciso voltar o tempo,
para o meu ser reconstruir.
As alegrias, também joguei-as fora,
só aborreciam, as choronas.
Ninguém teve a presença de espírito
de perguntar pela minha dor.
Aborreci-me com as palavras instaladas
que, sem o patrocínio de alguém,
ainda sugam o meu rancor.



GRITARIA/ALEGRIA

A coragem parece ser apenas para suporte.
Corro o risco de ficar sozinha,
isolada em meu espaço.
Corro os trilhos do meu caminho,
que não tem planos, nem traços.
Mas não sou ingênua, tenho meu entusiasmo.
O que eu sinto no silêncio deste lugar,
são as dores embrulhadas, histeria.
Ouço o momento que passa adiante
e que me faz delirar planos mirabolantes.
Desço, então, as escadas, passo a passo,
e estico-me no tapete três por quatro.
Por acaso, o agora virou um sonho
e eu perco-me dentro dele, alucinada.
O escuro já não é mais tão estafante,
pois as outras coras são mais fortes, brilhantes.
O que eu vejo, num ponto bem pequeno,
não faz sentido dentro desse quadro-negro.
Mas, e se o sonho que eu tanto uso
for, na verdade, a única realidade que eu tenho?



FIZ UM CERCO EM VIDA

Não quero ter medo da vida, do dia a dia.
Nem quero ter que vencer batalhas, perdidas.
Quero encontrar o meu passo, sossegada,
sem precisar machucar o peito, constrangido.
Também busco vitórias,
levando a minha tropa para o combate.
Com o tempo vou crescendo, aos poucos,
com cuidado, vagarosa.
Sou tímida e não tenho pressa
mas, se for preciso sair da toca,
dar um jeito em tudo,
mudo o meu caminho.
Pareço indecisa, às vezes, volúvel.
Não escancaro nem meto o semblante no mundo,
nem passo pela vida, apressada,
feito um desses redemoinhos.
Sou mais como um riacho,
que teme em acabar-se.
Vou alongando-me, desligada,
e, a vida, vou deixando passar.
Se precisar, escondo-me do tempo,
para não envelhecer,
nem por fora nem por dentro.
Não no sentido físico,
mas no espírito, no meu ser.



À NOITE, A SÓS

As paredes pressionam-me,
endurecem meu sangue,
alfinetam meu rosto,
riem minhas mágoas
e não me confortam no sono.
Seus movimentos, estátuas.

Eu sou a intrusa, novamente, nessa página.
Não há como explicar esse instante,
em que meus medos são sempre constantes.

A parede, aqui em cima,
asfixia-me com sua rotina.

As outras são só fantasmas,
sombras mortas corroendo minha vida.
Imagens turvas, refletidas em mim mesma,
golpeiam meus dedos debaixo da cama.

Procuram um pretexto reais
para perturbar e deixar-me desperta.

Só penso nas palavras solitárias,
que possam ser ditas sem causar efeito,
mas que tenham graça, sensibilidade.

Que sejam, de alguma maneira, fatais.
Através destas linhas, minha imaginação cresce.

Às vezes, a criação vira um monstro,
que devora, que assusta.

Na maioria das vezes,
ela liberta-se, cria asas e voa,
omissa...



SEM CAUSA OU MOTIVO

No soluço da noite,
ávido martírio ao vento,
carícias de tanto gosto,
que, só de gostar-se,
vive-se atônito.

Meu coração balbucia o desespero
que não se completa,
não afoga as mágoas
do desprazer contido.

Nos suspiros noturnos,
canto doces melodias,
adocicadas pelo desejo
de voar, pelos céus,
a ponto de desprender-me da vida.

Mas a vida,
em sua múltipla sofisticação,
deixa as escolhas abstratas,
parecidas com desilusão.



A CONTRAPROVA DO SER SOZINHO

A solidão, não me deixa mais sozinha.
Não me deixa passar despercebida,
nem ao menos para viver...
Nem sei mais quanto tempo já passou
desde que meus sonhos todos se foram
e eu apenas sigo, num caminhar...
E se a vida for isso?
Quem sabe eu poderia nem sentir ela passar?
E se no fim eu descubro
que não me esforcei o bastante
e deixei muito a desejar?
O tempo ensina muito,
quase tudo o que a gente é,
e, nem sempre o tudo está perdido,
pois sempre resta um sonho qualquer...



O EU, QUE ACUSO

Os sentimentos confundem-se com tormentos
que reciclam fagulhas abrandadas pelos anseios.

Desvio-me à fronteira do destino prático
para retorcer, levemente, os medos escravagistas,
que são independentes dos meus maus-tratos.

Fixo raízes, enquanto posso,
para não poder fugir em algum momento.

Distraio-me, de vez em quando,
para não precisar provar do meu veneno.

Outros ramos crescem, ao vento,
e eu, sozinha, apenas faço parte do enredo.

Atuo comigo mesma,
dizendo coisas sem sentido.

O tema principal sou eu, ferida,
perdida do que fui, no “eu mesmo”.

Não posso voltar a vida,
muito menos entender meus erros infantis,
que machucam meus velhos cabelos negros,
já brancos de tanto apelo,
por um dia a mais longe de mim.



O DIFERENCIAL DO TEMPO

Alguma coisa está perdida no meu tempo
e eu não sei o que é.
Eu suspeito e desacato o meu jeito
sem entender o por quê.
Mas, para isso tenho remédio,
trocando os meus planos de lugar.
Não sou tão boba quanto aparento
embora, por cautela, tenha que ficar.
O meu tempo passa por mim,
e eu simplesmente dou espaço, feliz.
Quando menos espero, recebo mensagens,
e, muitas delas, nem falam de mim.
Construo meu mundo à base delas
sem festejar nada, sem sorrir.



NEVROSE

Numa ficção, conto tudo,
quanto posso, o que quero.
Tento, na minha neurose,
aos poucos ficar sóbria,
atenta às loucuras dos outros.
Credito, no caráter alheio,
o adorno do enfaro,
por puro medo egocêntrico.
Chego a hibernar, no escuro,
contornando as curvas do espectro.



VOLTEI DE VEZ DO MEU SONHO

Há um canto que eu canto com meus prantos,
que parecem ecos de um grito estrondoso.
Para ouvi-lo, ponho meu silêncio a bordo,
e parto calada rumo a um sonho enfadonho.
Surpreendo meu ego com notas bem altas,
e entremeio mil vezes, por ruas desertas.
Qual o fino sussurrar de um bandido louco,
que rouba emoções e vende-as por bem pouco.
Pouco para muitos, sisudos, nefastos,
que escutam meu canto ressoar nos seus tetos,
e perder o brilho, lavado por meu pranto.
Também há outro canto, que mantenho em cativoiro,
infundido em meu peito macilento.
Às escondidas, habituo-me a tê-lo,
sem precisar, com ninguém, dividi-lo.
Transformo o canto em grito
e ele ecoa aqui dentro,
fazendo sofrer meus pensamentos.
Sonho sempre o mesmo sonho,
um que não tem fim.
Quando acordo, na vida real,
aparentemente, ele funde-se em mim.



VERDADE PRÓPRIA

Vou dizer o que realmente penso
somentemente para dispensar o tédio.
Vou burlar os caminhos certos
para tentar encontrar um estilo.
Vou financiar quaisquer sentimentos
para vê-los crescerem, no momento.
Quem sabe eu possa compartilhar,
não apenas a ironia externa,
mas, obviamente, o apagado sorriso.
Vou ser o que acredito ser,
somentemente para arranjar espaço.
A minha vontade própria aborrece,
então finjo-me de morta, pelo cansaço.



JEJUANDO DA SAUDADE

Agora eu sei tudo sobre mim
e não quero ser ilusão dentro da vida, festim.

Não quero ser orgulhosa
para mergulhar na solidão.

É claro que a solidão acalma
mas, em desuso, faz mal ao meu coração.

Tudo, na verdade, são sobras,
que eu não consigo digerir.

Os desejos doem por dentro,
pois há muito não tiveram a chance de sair.

Isso é uma loucura, um devaneio bobo.

Eu vivo bem comigo mesma,
o que me atrapalha são meus sonhos.



AÇÃO, ESTADO, QUALIDADE

Peguei-me, agora, conjugando verbos,
sem nexos, descompassados.
Falar, ver, andar, sentir, pensar...
De repente, do nada, surge a água,
confundindo o meu presente mais indicativo.
Eu águo, tu águas, ele água?
Nós aguamos, vós aguais, eles aguam?
Do meu jeito desengonçado,
desfaço-me em prantos,
silenciando a palavra.
O suposto verbo entorpece,
busca as formas de um tempo
em que, até elas,
pareciam desconfiar.
Dissimulando que não sei nada,
não sou nada e assim quero ficar,
exilada com esses verbos,
conjugando sem parar.
Se a água persistir, conjuga-la-ei no passado,
quando era abundante e,
por ela, não era preciso matar.



OS DIAS, NOS DIAS

Gosto de procurar por mim,
apalpando o ar, abstraída.
Gosto de ter ideias, fantasias,
mas sem ter ninguém por perto, decidida.
Muitas vozes incomodam-me,
no despreparo para a vida.
Gosto, é claro, de ter companhia.
Mas só quando não é dia de briga.
Senão eu fico chata, mal-humorada.
Contrario até as minhas razões.
Mas sozinha, eu canto, para o espelho.
Às vezes, para mim, também, eu penso.
Gosto de ter esse lado imaginário,
propenso ao descaso, ao desuso e ao apelo.
Só não gosto de ter que dar explicação.
Para isso gostaria de encontrar uma solução.



DECLARO/AÇÃO

Apenas algumas coisas que eu queria escrever...
Ah, nada de importante, só palavras, por prazer...
 Como algo que se faz, somente por fazer,
 sem sentido, sem noção ou seja lá o quê...
Só queria relaxar, aliviar meu cansaço mixuruca.
 Dispensar essa atenção de mim mesma,
 desintalar o que sufoca,
 destreinar meus sentidos, espezinhar.
 Há algo errado em não querer errar?
Ou sou diferente demais, para querer desabafar?
 Quero a liberdade, admirada e solitária.
 Ser eu mesma, sem receio, fascinada.
 Cantar ao vento, demonstrando meus anseios,
 deixando a vida preencher-me por completo.
As ondas vem, batem em mim e voltam de onde vieram,
 sem adeus, sorriem e deixam-me.
Mas e daí? Só quero livrar-me desse desconforto.
 Quero falar de alguma coisa qualquer.
 Entoar cantos pra que todos possam ver
 a magnífica melodia escondida,
 que vive em meu ser!



O DIA, ROTINEIRO

A chuva cai lá fora,
e os pássaros escondem-se.
O vento sopra forte,
enquanto todos na casa dormem.
O cão sonha sem poder acordar,
e seus ruídos transformam o silêncio do lugar.
No início da tarde,
a chuva ainda cai,
reta e fina.
As flores desabrocham aromas,
tornando ainda melhor o clima.
Sob o aspecto de um quadro de Monet,
o dia assim vai terminando.
Os sapos, coachando felizes,
os pássaros alegres, retornando aos ninhos
e os humanos jantando, famintos.



VÃO

Sou mais uma neste meu tempo,
nesta geração atrapalhada.
Confusa, esquisita, complexa,
exótica, só com tempo para o nada.
Sou mais uma nestes dias,
neste tempo absurdo e caótico,
desgovernado e imprevisível,
onde o sofrimento não tem fim, emaranhado.
Sou mais uma dentre tantos,
que sorriem, que choram, que adormecem,
desritmados e intranquilos,
fadigados na luta banal contra os vícios.
Sou mais uma à espera do sucesso,
contemplado, aclamado, adorado,
tudo ao mesmo tempo, num olhar exasperado,
que não cessa até o próximo desejo.



CAUSA AMARGA/PERDIDA

A balbúrdia incessante dos meus sentimentos,
fez nascer, em mim, esta vontade de lutar.
Lutar contra tudo, em todos os momentos,
com as armas que tenho no pensar.
As que desenho agora, com a ilusão do querer,
sem medo de que algo me aconteça,
apenas abastece o meu desejo, cheio de cobiça,
e o cansaço, de repente, começa a desaparecer.
No desprezo ao meu ardor, pouco comunicativo,
a cada dia, diante de tudo o que vivo,
contento-me com o passado, sem saber como perder.
Assim, vivi a minha própria guerra
com um simples ato de desforra,
pensando ter algum poder.



MARTÍRIO

Que som inquietante é esse que não sai daqui?
Esconde-se de mim mas faz-se ouvir.
Às vezes, quem não sai daqui sou eu,
mas não tenho para onde ir.
Quando tento escrever e fico cansada,
enlouqueço comigo mesma, aviltada.
Na minha inutilidade, mesquinhez,
fico imaginando se, um dia, não me perderei de vez.
Estou acorrentada às pedras que flutuam no meu oceano,
tentando transformar essa ilha num lugar mais ameno,
somente por diversão, por não ter o que fazer.
E o som, turbulento, do martírio, que insiste,
comemora, como pano de fundo, o meu desprazer.



DUAS EM UMA

Vi o tempo,
a vida,
chamas,
o vício,
Martírio.
ouvi o som,
a dor,
pasma entre meus dedos.
Não tenho certeza
se joguei fora
a revolução que
mastigava meu peito.
Surrealismo e concretismo.
A existência disfarçada
em meus sentidos.
Cataclismo.

Vi o tempo,
a vida,
no passatempo
da lida.
No suplício
do meu vício,
senti a dor,
sem nenhum sabor.
Ouvi o som,
sem certeza
do exato tom.
Enquanto
o momento bom
desfez-se com frieza,
vou curtindo o não saber,
com um toque de sutileza.



DIFERENÇA

Vejo sorrisos
em meio a tantos rostos.
Sinto o abstrato,
em cada toque no composto.
O medo de poder ser um lorde,
e enganar a todos, como um ser inteligente.
Ser um ser covarde,
mesmo com um espírito valente.
Covardia transformada em ódio,
que passa pelos olhares trêmulos
de tantos rostos, tantos sonhos.
Vejo, nas faces mutiladas pela deslealdade,
o tempo passar,
encenando, num último ato,
o meu gesto heróico e vulgar.



LIA-SE UM CANTO

Estou doente, faço-me assim.
Hormônios à flor da pele, para sentir.
Capacidade, em primeiro lugar,
de ter coragem para filtrar o que eu sou.
Sou fraca, amarga, sem piedade.
Sou pessoa física, mas desfaço-me aos ares.
Vou-me ao vento sentindo o aroma das flores,
numa sinopse de tudo o que já vivi.
Sou eu, você, ele, ela.
Sinto-me como um pequeno arvoredor
que não faz revolução.
Não quero vencer,
apenas recordar a vida, com emoção.
Sei que sou assim.
Sei que posso construir certos castelos dentro de mim.
Mas, de repente, o tudo deixa-me confusa.
Diziam que não sabiam o que fazer,
e fizeram-me sentir culpada por algo
que eu nem mesma sei o que é.
E o tudo virou-se contra mim,
numa onda feita de insensíveis marés.
O enjoo vai e vem, agitando-se aqui dentro.
Ao deitar-me, sinto que levanto,
e percorro o quarto por inteiro.
Rio feliz comigo mesma
parecendo estar pronta pras armadilhas dos meus desejos...



PERDIÇÃO

O coração, falido, arruinado, desandou.
Penhorou seus bens, pagou fiado ao provedor.
Tudo por causa de uma mágoa, de uma dor,
que não passa, não cura, pois não amou.
Não amou o dia, não amou a noite,
não amou o intercurso de tempo entre esses dois.
A todo momento à procura de ódio,
foi definhando sem aproveitar a paz.
Como dizer a ele, já cansado, aflito,
que tudo continua igual, no mesmo lugar?
As horas, passando lentas, os pombos a brincar?
Como fazê-lo entender que o meu coração também sofre,
somos iguais?
Alvos escondem a verdadeira razão desta luta.
Meu alvo atingiu o seu, catástrofe regida em vão.
Miríades inábeis do intelecto intacto,
facilitando a vida de todos,
mas deixando-nos despreparados.
O coração, assim, não pensou em mais ninguém,
apenas em si mesmo, foi vivendo com o opróbrio.
Ao ver-se, afinal, encurralado, sem saída,
perdeu-se de tudo, de todos, fez, até, com o tédio, parceria.
Algum dia, mesmo que tarde, já quase esquecido,
o coração vai amar, majestoso, atrevido.
Vai sentir a felicidade levar-lhe aos céus,
como as plantas que brotam depois do temporal.



ESTÓICO

Pode você ver a visão amordaçada,
em meu peito?
A paixão calada por um suspiro?
O sofrimento que quer incendiar o abrigo?
Nem sempre o discreto faz parte do meu mundo.
Às vezes, sou enxerida,
mudando as coisas,
que não são minhas,
de rotina, de lugar.
Às vezes, sou desinibida,
faço caras, tenho manias,
e nem sempre dou o braço a torcer.
Acho-me o máximo,
nem olho para os lados,
acho que com medo de sofrer...
Por que será que a gente acha
que pode tudo, aqui e agora,
pensando saber viver?



DE UM JEITO QUALQUER

Abro o quarto, às quintas-feiras.
Desmaio na cama, em cima das letras.
Rasgo os desejos, pisando em mim mesma.
Risco as paredes, com tinta vermelha.
Nem tudo se apaga, eu tenho memória.
Abafo os gritos, ficando no escuro.
Esquadrinho os pensamentos, um por um.
Nem tudo está perdido, foi só um temporal.
Por fim, levanto-me, mesmo sem bem acordar.
Tudo está girando, saindo do lugar.
Fico parada, uns segundos, para voltar ao normal.
Normal, que palavra esquisita, engraçada.
Eu faço mais estragos do que um vendaval.
Mas a única que sai rodando sou eu, afinal.



SOME WAY

I open the room, at Thursdays.
Fainting on the bed, on top of the letters.
I tear my wishes, walking on top of me.
I risk the walls, with the red taint.
Not everything erases, I have memory.
Suppress the screamings, staying in the dark.
One by one, drawing my thoughts.
Not everything is lost, it was just a storm.
At last, I stand up even without awake.
It's all spinning around, moving out of place.
I stand still, for a few seconds, to come back to normal.
Normal, what a funny word.
I cause more damages than a gale.
But the only one that spins around it's me, after all.



ESTIGMA DE MIM

Posso, ainda, transformar-me em algo melhor?
Depois de tudo o que eu fiz, depois de tanta dor?
 Presencio um mundinho, pequenino,
 que não me deixa viver por completo.
 Atônita, no desespero,
 sei que sou culpada, eu confesso.
 Transpiro perto do abajur de alabastro,
que ilumina três vezes mais essa minha confusão.
 Em meio a pensamentos difusos,
 esqueço, por uns minutos, onde estou.
 Transporto-me, vou à beira da loucura,
 esperando alguma ajuda eficaz.
Desperto, então, do desequilíbrio infantil,
 e ligo o rádio, para dançar.



SCAR OF ME

Can I, still, transform myself in something better?

After all that I did, after so much pain?

I witnessed a tiny little world, small one,
that don't let me live as full as I can.

Speechless, on despair,

I know I'm guilty, I confess.

I perspire close to the alabasterlampshade,
that shines three times more this mess of mine.

In the middle of difuses thoughts,
I forget, for some minutes, where I am. Transport
myself, going to the edge of madness, hoping
some efficient help.

I awake, then, from the unbalanced childhood,
and turn on the radio, just to dance.



COMPULSIVA

As verdades que eu queria dizer ao mundo...
Os sentimentos enterrados por falta de uso...
O brilho no olhar que desaparece fácil...
O choro preso na minha garganta, num soluço...
Quantas coisas comovem-nos, palhaços...
Quantas pedras já jogamos, por descaso...
Tudo o que eu podia ter feito e não fiz...
Tudo o que eu disse e voltou-se contra mim...
O dia mais bonito de que me lembro, ensolarado...
Aquele acidente na estrada, num dia chuvoso...
Todas as brincadeiras bobas, de criança...
Todas as guerras do mundo, cheias de intolerância...
Tudo o que foi achado, depois de ter-se perdido...
A perdição humana, que gera desequilíbrio...
O continuar despertando, todos os dias...
O ritual para dormir, que gera manias...
Sempre que começo a escrever, logo canso...
Aquele cansaço bom e que vale todo o esforço...



COMPULSIVE

The truths that I want to say to the world...
The buried feelings caused by disuse...
The sparkle in the eye that easily fades away...
The crying stuck in my throat, in a sob...
How many things move us, clowns...
How many stones we already throw in disregard...
Everything I could have done and did not do...
Everything I said and turned against me...
The most beautiful day that I remember, sunny day...
That accident on the road, in a raining day...
All that silly children play...
All the world wars, full of intolerance...
Everything that was found, after being lost...
The human ruin, that produces unbalance...
The keep on waking up, every day...
The sleeping ritual, that causes obsessions...
Everytime that I start to write, I soon get tired...
That one good tiredness and that worth all the efforts...



AMARGA CULPA

O que eu sei não é demais
e o que eu não sei deixei para trás.
Ao acaso descobri, um dia desses,
a vastidão de problemas que me tornei.
Da sabedoria vou à destruição, em instantes,
espantando a solidão, inquietante.
As minhas manias apavoram,
e abato tudo ao meu redor, amedrontada.
Tenho pena de mim, híbrida.
Estou toda escanifrada,
vegetando no resto dos meus dias.
A culpa, o sentimento de raiva,
consomem a minha inculpação,
enquanto os meus dias, contados,
perdem todos a razão.
Tudo transforma-se em desculpa,
depois que a rotina está instalada.
Só o que não muda, à luz fraca do horizonte,
é a minha amarga culpa, na ALMA SOLITÁRIA.





[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Valéria Sumye, poeta, Licencianda em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas. Nasci em Porto Alegre em 23/11/1981. Minha característica fundamental é a melancolia. Ela faz parte da minha vida. Já publiquei outra obra, "Escrita Noturna" que, como o próprio nome diz, foi escrita à noite.

**“...existe alguma palavra fácil de digerir?
Hoje são intensas, multiplicando-se sem fim.
Pode o tudo representar o nada
nessa dança alegórica que incendeia a alma?
Pode o nada representar tudo
e fixar raízes na minha alma incendiada?...”**